

Projecto ESTELA: o território da escrita do Sudoeste e a Idade do Ferro na actual região de Almodôvar

Samuel MELRO¹ e Pedro BARROS¹

RESUMO:

Desde 2008 que o Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar (MESA), promove o desenvolvimento do Projecto Estela: Sistematização da Informação das Estelas com escrita do Sudoeste, reflectindo a preocupação por parte da Câmara Municipal de Almodôvar em valorizar um património arqueológico, do qual o concelho é, de certa forma, o epicentro. Através da caracterização dos contextos arqueológicos (apoiada em reconhecimentos no terreno, no estudo de colecções e na documentação de museus) coligiram-se dados para a revisão dos conhecimentos sobre uma sociedade que produziu esses monumentos.

A sistematização de toda esta informação, permite tentar compreender as directas relações entre espaço habitacional, o mundo funerário e as inscrições. Possibilita ainda reflectir sobre o problema chave da ausência de contextos seguros da proveniência das estelas, facto que tem impossibilitado de responder de forma clara e definitiva à pergunta quando foram feitas e

onde estavam estas efectivamente colocadas.

Resulta assim que, a par da discussão dos modelos explicativos da usualmente chamada I Idade do Ferro, é ainda objecto de debate o problema da sua cronologia perspectivado a dois níveis em evidente desequilíbrio: a componente epigráfica e linguística e a componente arqueológica. Uma vez constatado o reiterado cariz de reutilizações tardias, isto é da relação secundária das estelas com as necrópoles, verifica-se um desencontro temporal entre a cultura material conhecida no registo arqueológico, essencialmente a partir do século VI a.C., e uma cronologia linguística mais recuada atribuída à escrita do Sudoeste.

Pretende-se apresentar o balanço e resultados do Projecto Estela, contribuir para o conhecimento das principais problemáticas em torno deste tema e fornecer mais dados para a explicação desta importante manifestação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Projecto ESTELA, Idade do Ferro, Escrita do Sudoeste, Almodôvar.

1 - Arqueólogos, Projecto ESTELA, Rua Afonso Henriques, 23, 7780-183 Castro Verde
samuelmelro@gmail.com e pedrofbarros@gmail.com

A sistematização da informação sobre a escrita do Sudoeste, no âmbito do projecto Estela, resulta das preocupações do Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar, em se associar a um programa de investigação arqueológica, visando entre vários aspectos, o esclarecimento do problema chave que sempre acompanhou esta problemática: o desconhecimento dos contextos de proveniência da maioria das estelas com escrita do Sudoeste. Objectivo que serviu igualmente para levar o Museu para o Território, interagindo assim com as populações (Melro e Barros, 2009; Melro et al., 2009 e 2011).

Os resultados das prospecções que temos vindo a realizar, desde 2008, neste concelho demonstraram que uma prospecção sistemática – como a ensaiada na zona do rio Mira – complementando as relocalizações e as prospecções selectivas, permitem acrescentar novos dados e apontar quais os possíveis eixos do povoamento ao longo do I milénio a.C. na região (Fig. 1). Os dados depois de agrupados resultaram num conjunto de eixos (Santos et al., n.p.), inicialmente, entre a planície e a Serra e, em cada um destes, em área menores determinadas, grosso modo, pelos cursos de água que irradiam da Serra do Caldeirão.

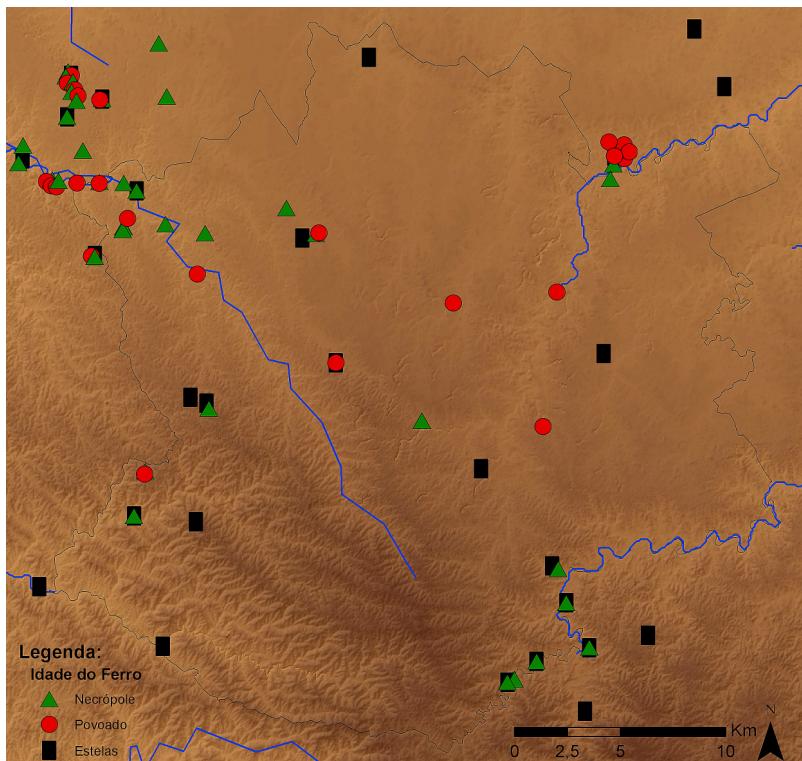


Fig. 1: Localização dos sítios arqueológicos na área de Almodôvar

A planície, na zona norte de Almodôvar, centra-se no Alto Mira e confina com a bacia do Alto Sado. A Noroeste, nos meandros do rio Mira e ribeiras afluentes (Mora, Perna Seca, Ferranhas) os vestígios – como as estelas da Abóboda – associam-se ao amplamente conhecido mundo do “Ferro de Ourique” em continuidade com o planalto de Palheiros. Aqui as margens do Mira, sobretudo desde Gomes Aires, são acompanhadas por duas grandes linhas de festo, ainda hoje vias naturais de circulação de Sul para Norte, isto é entre a serra e a planície. Dos sítios arqueológicos conhecidos realce-se a necrópole de Mouricos ou Antas de Cima, intervencionada na década de 70 e da qual são ainda perceptíveis as estruturas tumulares (Beirão, 1972; 1980

e 1986; Gomes, 1992 e 1994 e Correia, 1993). Apesar de referida como sendo de uma tipologia mais antiga, dever-se-á considerar que o *tumulus* 2 corresponderia antes a uma arquitectura funerária rectangular que se veio a sobrepor ao monumento circular do *tumulus* 1 (Correia, 1993: 357, Fig. 2-4). Não se sabe, mas poderá ter sido deste último que provêm as duas pontas e dois contos de lança em ferro, tal como os fragmentos de uma faca com rebites do mesmo material.

Em Mouricos destaca-se ainda a presença de uma estela da Idade do Bronze reaproveitada na edificação de um dos *tumulus* (Beirão, 1986: 50), classificada por Mário Varela Gomes dentro do Bronze Médio (Bronze

II do Sudoeste), do designado “tipo alentejano” (Tipo I de Almargo Gorbea), subtipo C (Gomes, 1994 e 2006). Esta reutilização e indicação de uma ocupação mais antiga na área não deve ser considerada estranha face à presença próxima das “cistas” das Antas do Meio que se podem tratar de uma “necrópole argárica” (Beirão, 1972).

Haverá por fim que correlacionar a desaparecida necrópole de Hortinha, agora destruída, implantada numa baixa junto a Mouriços (Correia, 1993: 366; Arruda, 2001: 273 e Vilhena, 2006: 51) e onde se podia observar uma estrutura quadrangular formando dois compartimentos de dimensões desiguais. A sua interpretação como necrópole (Beirão *et al.*, 1979; 1980) deve ser feita com cautela, pois poderá ter correspondido a um povoado, em redor do monumento funerário de Mouriços.

Junto a estes sítios soma-se agora o povoado de Portela da Arca (Fig. 2), assim considerado pela ausência marcada de indícios de empedrados tumulares e pela

presença de um maior espólio cerâmico, facto que o distingue de quase todos os demais sítios observados. No conjunto material recolhido salientamos alguns fragmentos com decoração incisa que o permite datar entre os séculos VI e IV a.C. e cujos paralelos mais próximos podemos ver no povoado de Fernão Vaz.

Com uma distinta implantação tem, o igualmente inédito, povoado do Casal Ventoso (Fig. 3), que se encontra num esporão com cerca de 2500m² (tipo V de Berrocal-Rangel, 1992: 205 e 206), e se caracteriza por um acentuado talude frente ao rio Mira que lhe confere uma defensibilidade natural, sendo o melhor acesso realizado por noroeste. Neste esporão destaca-se um montículo artificial no topo (200m²) com elementos pétreos soltos e algum material cerâmico, não sendo tão expressivos como em Portela da Arca, mas sendo notória a ausência de materiais cerâmicos de ocupações mais recentes ou com uma função associada à construção de estruturas.

Fig. 2: Povoado da Portela da Arca.



Fig. 3: Povoado do Casal Ventoso.



Já no planalto dos Montes da Abóboda e Guerreiros a Este, entre o Mira e a Ribeira de Mora, a atenção centra-se em torno da necrópole da Abóboda (Fig. 4), na qual Manuela Alves Dias e Luís Coelho (1972) haviam identificado dois monumentos. Em 2010, iniciaram-se os trabalhos de (re)escavação deste local, que confirmaram a presença de contextos de enterramentos diferenciáveis das habituais estruturas tumulares da região, umas já

anunciadas na reutilização da famosa estela da Abóbada sob uma “urna de incineração da II Idade do Ferro” e na existência de estruturas tumulares. Infelizmente 40 anos depois, a lavra mecânica que o sítio sofreu compromete em boa parte o seu total esclarecimento, mas á data é sobretudo relevante a presença de covachos com cremações secundárias em torno de dois túmulos e espólio associado.



Fig. 4: Necrópole da Abóboda.

Em torno da Abóboda, as prospecções referenciaram ainda outros eventuais monumentos funerários (Abóboda 3, Ferranhas 2, Monte da Borboleta, Gilbagão, Zambujeira e Abóboda 4), na maior parte das vezes apenas assinalados por um montículo artificial com uma componente pétreia envolvida em sedimento mais argiloso, com a presença de quartzos leitosos e algumas “taliscas” de xisto azul muitas vezes com mós associadas.

Carecendo de relocalização mais assertiva está a necrópole de Guerreiros 1 dada a conhecer por Caetano de Mello Beirão (Beirão, 1972 e 1986; Gomes, 1992; Correia, 1993 e Arruda, 2001) e que foi descrita como uma estrutura circular com cerca de 2,5m de diâmetro (Ferreira e Inácio, 1995), contudo é com algumas reservas que se relaciona com a estrutura quadrangular de 2,5x2m aí registada.

Já o povoado que lhe era associado, Guerreiros 2, corresponderia a um pequeno povoado aberto, localizado numa suave elevação com um talude virado à Ribeira de Pinguela, e onde terá sido recolhido um

fragmento de mó, um fragmento de xorca de pasta de vidro e vários fragmentos de uma panela da Idade do Ferro (Ferreira e Inácio, 1995). No local, numa área de cerca de 100m², a cerâmica que se encontra à superfície remete para contextos desde época romano-republicano. Este povoado estará certamente associado com o “fortim” romano do Cerro dos Bicudos localizado a cerca de 300m para Sul. Com semelhante enquadramento republicano, surge o povoado de Abóboda 2 que parece estar em associação mais próxima à necrópole do Azinhal (Beirão, 1986), situada na margem de Ourique da Ribeira de Mora, ou à noticiada necrópole da Abóboda 3 (Cortes, 1999) no leito dessa ribeira, do que estar em associação à necrópole da Abóboda (Ferreira e Inácio, 1995; Cortes, 1999 e Vilhena, 2006: 52). Neste mesmo tipo de associação, encontra-se o pequeno povoado em esporão do Cerro do Castelo integrado no conjunto de fortificações romanas de tipo *castella* (Maia, 1985; Ferreira e Inácio, 1995).

De cronologias tardias na Idade do Ferro assumem particular relevo, os sítios do Monte da Atafona (Fig. 5), intervencionados no final dos anos 70, o povoado aberto

e a respectiva necrópole composta pelo que parecem ser três *tumulus* de estrutura em *pi* com urnas e áreas de cinzas associadas e outras localizadas na sua envolvente (Gomes, 1992: 177; Beirão 1986: 29). Actualmente o resultado destas intervenções encontram-se em fase de revisão e estudo integral.

Junto à Atafona, situa-se a necrópole do Monte da Parreira, embora da qual pouco se sabe a não ser a recolha de pelo menos 3 urnas de incineração, de um conjunto com mais de 20, destruídas por um tractor e de onde terá sido recolhida uma espada de antenas de tipo Alcácer (Beirão, 1986: 27).



Fig. 5: Povoado e necrópole do Monte da Atafona.

A continuidade destes sítios é feita para Este, ao longo da planície da Aldeia dos Fernandes e Rosário, com a eventual localização de proveniência da estela com escrita do Sudoeste de Goias e a notícia de Leite de Vasconcellos (1933: 235) de 8 espertos de bronze no Rosário. Neste suave vale podem-se ainda associar as possíveis necrópoles da Atalaia 2 e da Ataboeira, junto ao local onde se encontra, talvez ainda *in situ*, a estela da Idade do Bronze do Monte Gordo e onde foi recentemente recuperada a mais recente estela epigrafada de escrita do Sudoeste.

O limite norte actual de Almodôvar coincide com o conjunto de Neves-Corvo, área de referência para a Idade do Ferro e de onde provém inestimável signário de Espanca e as estelas com escrita do Sudoeste de Neves 2 e Touril (Castro Verde). Um outro eixo natural entre a serra e a planície é delineado através da Ribeira de Oeiras. De facto, além do conjunto de povoados e necrópoles da Idade do Ferro de Neves-Corvo situado à entrada da planície alentejana, do chamado Campo Branco, tem sido identificados para Sul um conjunto de pequenos sítios, como Ossadinha 1 ou Lagoinha – com cerâmica em bandas atestando cronologias tardias (Barros *et alii*, 2008).

Ainda a Sul na confluência da Ribeira de Oeiras, dos

Curvatos e do Barranco do Vale, onde se situaria a estela com escrita do Sudoeste de Vale de Ourique, e de haver referências orais a outras junto ao Monte do Valagão (Cortes, 1999), identificou-se um conjunto de possíveis necrópoles (Valagão 3, Moroço da Mó 2 e Cerro da Amoladeira), na proximidade da eventual necrópole de urnas do Cerro das Bonecas/Aquentinha (Cortes, 1999) e da necrópole do Monte Novo da Misericórdia (Beirão, 1972; Gomes, 1992). Deste último local, os materiais cerâmicos de superfície e os contextos encontrados no âmbito da escavação, grandes túmulos circulares onde foram recolhidos fragmentos de uma lança e de uma haste em ferro (Beirão, 1972; 1986; Beirão *et alii*, 1980; Gomes, 1992: 149). O povoamento nesta área encontra-se em Valagão 2, Moroço da Mó 1 e em Monte Beirão, uma das grandes referências herdada dos trabalhos de Caetano Mello Beirão nos anos 70. Pese não ter sido possível relocalizar com exactidão o local escavado à cerca de 40 anos, é obrigatório recordar a proveniência de um espeto de bronze (Viana, 1959: 43-45), e do registo de um compartimento com restos de lareira e fragmentos de cerâmica, entre os quais uma ânfora massaliota atribuída aos séculos VI-V a.C. (Beirão, 1973: 203, 204; Beirão e Gomes, 1980: 294 a 300; Beirão, 1986: 53; Gomes, 1992: 142, 143).

Daqui para Sul, num percurso ao qual podíamos associar a estela desaparecida de Guedelhas, dirigimos pela Ribeira do Vascão para a Serra onde abundam os achados epigráficos (Barros *et alii*, 2010 e Barros *et alii*, n.p.) - estelas de Tavilhão, Monte Mealho e Várzea do Mendes (Almodôvar), Azinhal dos Mouros, Ameixial, Monte da Portela, Vale de Vermelhos (Loulé), aos quais se somou a estela de Corte Pinheiro (Melro *et alii*, 2009 e Guerra, 2009), recolhida no âmbito dos trabalhos de prospecção deste Projecto, junto do que se considera ser uma necrópole.

Corte Pinheiro 1, tal como a necrópole de Vale dos Vermelhos (e talvez a já referida Abóboda 3), são marcadas por uma distinta e maior proximidade às linhas de água e por uma localização em pontos de acesso a grandes várzeas. Já a maioria das necrópoles localizadas nos vales destas linhas de água, como Tavilhão 1 e outros exemplos no Mira, se situam geralmente em pequenos cerros/ patamares a meia encosta.

No Vascão refira-se ainda a presença associada às necrópoles de alguns povoados, nomeadamente em Tavilhão, Várzea dos Mendes e eventualmente Monte Mealho, contudo são ocupações pouco perceptíveis dada a sua implantação, com paralelos nos povoados da bacia hidrográfica do Rio Mira, ter também sido alvo de uma estratégia de povoamento semelhante a épocas mais recentes, sobretudo romanas, desde época republicana, e medievais. Contudo, na Várzea do Mendes, alguns fragmentos cerâmicos de um vaso com asa em ferradura (Valente e Moura, 2008) remetem-nos para cronologias dos séculos VI a IV a.C.. Do Vascão, com uma cronologia mais recente, é ainda conhecida uma cabrinha em bronze do Vascão recolhida no final do século XIX (Vasconcellos, 1895: 297).

Para Oeste, nas Ribeiras da Azilheira e Odelouca, ao conjunto das epígrafes do Canefixial, Corte do Freixo e São Martinho (Guerra, 2002), junta-se-lhe agora a estela da Cerca do Curralão, cuja proveniência geográfica do achado era incerta. Localizado em área aplanada, num ponto de entrada da Ribeira de Odelouca, não se observam restos de estruturas nem materiais que precisem uma realidade arqueológica concreta, mas em seu redor foram recolhidos dois dormentes manuais no Cabeço dos Curralões 2, além de serem noticiadas, não confirmadas, “cistas” em Monte da Ribeira de Odelouca, a Cerca do Troviscal, e em Valagões, bem como de outras

possíveis estelas com escrita do Sudoeste no Cerro dos Cardazós e Cerro Redondo.

A necrópole da Corte do Freixo partilha semelhante implantação no estrangulamento limítrofe da Ribeira da Azilheira, num ponto-chave da paisagem em que a várzea se alarga. No local detectou-se a presença de um dormente de sela e relocalizou-se a área de necrópole decapada por Caetano de Mello Beirão (1986: 47; Correia, 1996: 106). O objectivo da intervenção era de obter uma resposta entre a associação das estelas a contextos arqueológicos seguros e na explicação entre o Bronze Final e a Idade do Ferro que de acordo com Caetano de Mello Beirão teria a sua expressão máxima nesta necrópole (Paço, *et alii*, 1965: 103; Beirão, 1986:23).

E se até aqui tem sido as zonas de vales que nos tem guiado nesta distribuição dos vestígios, não podemos esquecer – ainda que ocorram em menor percentagem – a presença da escrita do Sudoeste em zonas de altura e cumeada, como a estela do Canafixial, ou o caso das estelas da Corte Azinheira. A primeira é próxima da Corte do Freixo, numa zona onde situaríamos ainda a necrópole de Medronhais 1, eventual monumento funerário, localizado num patamar amesetado e assinalado por um empedrado de planta circular, com lajes de xisto afeiçoadas e pequenos blocos de quartzo leitoso e sedimentos (Albergaria, 1999 e 2001; Grilo, 2001) e o povoado de Medronhais 2 (Grilo, 2001: 18 e 25). Já Corte Azinheira, encontra-se na primeira grande linha de cumeada a Norte da serra sob a extensa planície alentejana. Nesta área, numa linha de cabeços em menos de 2km, encontra-se para além a primeira estela da suposta necrópole de Corte Azinheira 1, onde da indicação do achador de aí ter havido um montículo associado, no terreno foram identificadas algumas “taliscas” de xisto azul, já para o achado epigráfico mais recente (Untermann, 1997) é possível agora associar-lhe o exíguo povoado de Corte Azinheira 3. Localizado num pequeno topo aplanado e de ampla visibilidade surgem dormentes de sela e uma dispersão de materiais cerâmicos nos quais alguns podem ser atribuídos a uma época proto-histórica. Bastante perto deste e ao qual poderá estar associada encontra-se a necrópole de Corte Azinheira 2, cujos vestígios de um *tumulus* em cerca de 12m² se inscreve num sedimento mais argiloso junto de uma concentração pétreia de blocos de xisto e grauvaque e de um pequeno empedrado de feição quadrangular.



Fig. 6: Povoado da Corte Azinheira.

Menção ainda que junto à Corte Azinheira (Fig. 6), foi identificado o sítio do Monte Novo do Meio, que poderá equivaler a um monumento tumular de planta circular com cerca de 12/ 13m e onde se observa um lajeado de xistas/ grauvaques travado em cutelo nalgumas das extremidades, contudo não foi possível identificar nenhum material arqueológico associado.

Ao longo deste percurso que relatámos, estamos perante um povoamento rural disperso, que ganha outro sentido com as Mesas do Castelinho no séc. V a.C. (Estrela, 2010). Grande povoado que por um lado coexiste temporalmente na sua fase inicial com alguns desses sítios, e que por outro lado surge a par com

outros e sem preocupações defensivas ao longo da segunda metade do I milénio.

O território de Almodôvar reflecte assim plenamente a distribuição interior da epigrafia do Sudoeste (Fig. 7) e que se estrutura num território de montanha, na junção das bacias hidrográficas e através de vias naturais de comunicação Algarve/ Alentejo. Essa interioridade é uma das questões chave desta questão, perante a dicotomia com os ambientes litorais onde a presença oriental inspiradora da escrita é mais abundante, mas onde estão ausentes estes monumentos epigráficos e mesmo outro tipo de testemunhos.

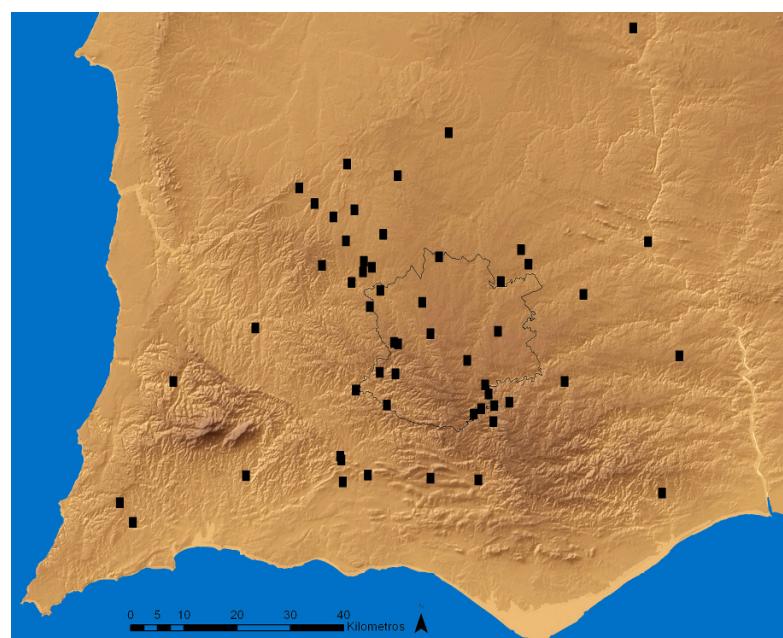


Fig. 7: Localização das estelas com escrita do Sudoeste no actual território português.

Contudo, não existe apenas a questão relacionada com dispersão das estelas com escrita do Sudoeste. Obviamente o conjunto de dados e pontos no mapa que se apresentaram não escondem dificuldades ou incertezas à pergunta: que contextos temos para as estelas? Numa perspectiva mais optimista, esta sistematização resulta em inúmeras pistas, mas até ao momento parece que não foi ainda alterada a mais evidente lacuna em identificar aqui o povoamento e as necrópoles da Idade do Ferro associadas aos contextos primários desta epigrafia.

O que parece verificar-se é que à semelhança do restante Sudoeste Peninsular interior, estamos perante um denso povoamento rural, que certamente existe em anteriores momentos, torna-se mais abrangente essencialmente a partir do século VI a.C. em oposição aos povoados fortificados do final da Idade do Bronze (Mataloto, 2004; 2007). Esse disseminar do mundo rural – e a associação de necrópoles a povoados – foi devidamente identificado no maior conjunto da Idade do Ferro identificado no Sul de Portugal: o Ferro de Ourique. Constatou-se que este conceito abrange igualmente a região de Almodôvar no âmbito do povoamento a que se refere; sendo ainda contíguo ao outro expressivo núcleo conhecido no Baixo Alentejo e que se apelidou de Neves-Corvo, uma vez mais nos limites deste concelho. Uma ruralidade onde se, por um lado, lida com singelos lugares do quotidiano, por outro, registamos a sua partilha com as culturas do mundo mediterrâneo que operou um quadro de significativas alterações culturais nesta época e a que a escrita do Sudoeste é um corolário.

Lidamos com uma cronologia para estas estelas estabelecida a partir das suas características epigráficas e linguísticas como do século VIII a.C., no entanto se se assumir a relação primária das estelas com as necrópoles onde estas surgem, face à revisão crítica que tem sido feita ao “Ferro de Ourique” da cultura material recolhida nesses contextos (Arruda, 2001; Torres, 2002; Jiménez Ávila, 2002-2003), centraríamos o fenómeno de escrita do Sudoeste entre os séculos VI/ V a.C.. Considera-se que após a revisão dos dados existentes é evidente a reutilização tardia das estelas nas necrópoles, ou seja, estas são recolhidas sem contexto ou em contextos secundários. Verifica-se assim um desencontro temporal entre a cultura material conhecida no registo arqueológico das poucas intervenções efectuadas e a cronologia mais recuada atribuída às origens da

escrita. Esse dado é admitido de modo consentâneo, mas deverá também ser realçado que apesar de ainda poderem ter algum valor intrínseco a sua reutilização em contextos funerários, não comporta uma carga directa às mesmas e muito menos um idêntico valor simbólico que teriam no seu contexto primário. Notemos ainda que esse desencontro não impede uma linha comum de aspectos que estruturam a vivência destas comunidades, determinando no fundo as características da Idade do Ferro na região. O certo é que essa relação secundária com as necrópoles, leva a considerar que as estelas terão sido lapidadas e usadas num intervalo de tempo com pelo menos um século antes de virem a ser fragmentadas, mobilizadas e reutilizadas nessas necrópoles. Entre o erguer das estelas e a eventual anulação das mesmas no empedrado dos túmulos funerários pode-se talvez estar a falar de uma diferença entre três a quatro gerações, tempo suficiente para ainda restar uma memória, mas não terem necessariamente o mesmo valor e a função original.

Apesar das dificuldades em precisar uma cronologia mais fina acabaria por ser afinal num curto intervalo de tempo – centrado entre o século VII e os inícios do século VI a.C., eventualmente recuando à segunda metade do VIII a.C. – que o fenómeno epigráfico teria que ocorrer, concordante com as cronologias iniciais propostas para a escrita, pese discordante da associação directa aos contextos onde surgem que revelam uma cultura material entre os meados do século VI e o século IV a.C..

Estamos pois perante um fenómeno de curta duração – pelo menos no que toca ao suporte pétreo em forma de estela, pois os grafitos em cerâmica apontam uma continuidade que deverá ser ainda esclarecida, e que o recente grafito do Castelo de Moura (Pereira, 2011) mais uma vez aponta para além dos que são documentados em vários sítios da Idade do Ferro.

Fica então a questão sobre o que terá levado a que estas estelas fossem condenadas, seja como elementos revalorizados ou desvalorizados, nos empedrados tumulares das necrópoles a partir dos meados do século VI a.C.. Este desencontro cronológico e o problema contextual das estelas tornam assim essencial a verificação de cada um dos locais de achados das estelas com escrita do Sudoeste e dos contextos relacionados ou associados à Idade do Ferro. Nesse sentido não deixamos de salientar a concordância que sugere a localização agora precisada das estelas epigrafadas

de Almodôvar com as propostas de María Ruiz-Gálvez (1998: 308), pressupondo que as localizações dessas necrópoles respeitariam antigos lugares de referência territorial. Efectivamente as estelas de Almodôvar surgem em locais chaves: em portelas, nalguns casos de altura, ou em pontos de passagem situados à entrada/ saída das grandes várzeas e no início/ fim dos grandes vales de importantes cursos de água.

A estes aspectos acresce ainda a já plenamente demonstrada interacção em todo o Sudoeste peninsular das necrópoles da Idade do Ferro com os monumentos pré-históricos num processo de re-necropolização da paisagem (Cardoso, 2004; Mataloto, 2007) e que também se propôs para o Planalto de Palheiros (Vilhena, 2008).

É igualmente evidente que os locais acima descritos vêm, em parte, coincidir com o espaço dessa memória megalítica, a qual ainda desempenharia certamente uma função simbólica na paisagem física e social destas comunidades. Um facto testemunhado pela coincidência da estela do Canafixal com um conjunto de *tholoi*, as estelas da Corte da Azinheira, assim como as necrópoles e povoados do Monte das Antas, com o megalitismo existente na continuação do Planalto de Palheiros, ou como parece acontecer ainda nas áreas de Valagão e do Monte Novo da Misericórdia. De igual modo nota-se uma previvência dos lugares de ocorrência da epigrafia do Sudoeste com as estelas iconográficas do Bronze Final na necrópole de Corte do Freixo e na necrópole de Mouricos, junto à Abóboda.

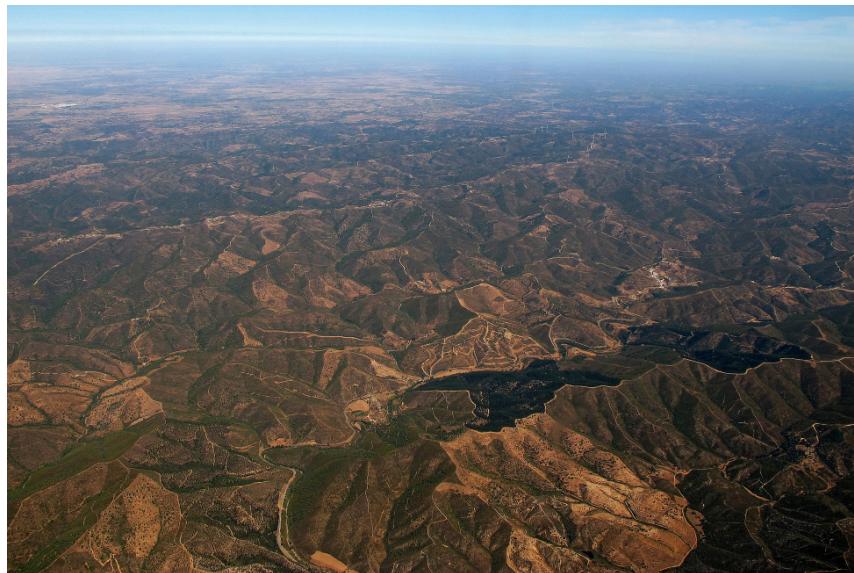


Fig. 8: Vista aérea da zona em estudo.

Por fim, assumindo por um lado como referentes simbólicos a localização destas necrópoles e consequentes achados da escrita do Sudoeste, julgamos importante associar, por outro lado, as observações de Javier Jiménez Ávila (2009: 73) no enquadramento das sociedades em torno do século V a.C.. Este autor chama-nos à atenção de que as conotações culturais do chamado período “pós-orientalizante” (exemplificado nos povoados de Fernão Vaz e de Neves- Corvo) se desenvolvem no âmbito de “um cenário de busca de referentes simbólicos antigos, que evitam expressamente a época orientalizante”, traduzindo-se numa necessidade de novos elementos legitimadores.

Atendendo a estas ideias podemos ter presente uma proposta de explicação ao relativamente curto

desencontro temporal, manifestada pela ausência de contextos primários das estelas com escrita do Sudoeste. Estas seriam os referentes simbólicos orientalizantes que seriam aplacados pelas necrópoles “legitimadoras” desse emergente mundo rural dito “pós-orientalizante” a partir dos meados do I milénio a.C. na região, o qual sabemos mantém fórmulas culturais similares e, evidentemente, os mesmos circuitos comerciais.

Desta forma, o trabalho de contribuir para se perceber qual a conjuntura histórica que terá levado a uma alteração do uso da escrita do Sudoeste, assim como aferir em que medida precisa se encontravam as estelas nos seus contextos primários (podendo ser estes funerários ou não) e caracterizar as necrópoles que assumiram uma função de cariz funerário para as estelas. Com o objectivo

de recolher dados complementares que possam permitir esclarecer as limitações e dúvidas levantadas pelo trabalho de sistematização da informação, o Projecto Estela prossegue com os trabalhos de prospecções

nos concelhos de Almodôvar e Loulé, bem como com trabalhos de escavação arqueológica em alguns destes sítios (necrópole da Abóbada e povoado de Portela da Arca).

AGRADECIMENTOS:

Gostaríamos de expressar o nosso agradecimento, pelo apoio prestado no âmbito do projecto Estela, aos Professores Doutores Amílcar Guerra e Carlos Fabião (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), bem como à Câmara Municipal de Almodôvar. Salientamos

porém que estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho, inicialmente escrito em Outubro de 2010 e entregue para publicação em Abril de 2011.

BIBLIOGRAFIA:

- ALBERGARIA, J. (2001): Contributo para um modelo de estudo de impacte patrimonial: o exemplo da A2 (Lanço de Almodôvar/VLA). *Revista ERA Arqueologia*, 4.
- ARRUDA, A. M. (2001): A Idade do Ferro pós orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia 4, 2, p. 207-291.
- BARROS, P., MELRO, S. e RAMOS, A. C.. (2008): "Uma leitura dos resultados do EIA do Aproveitamento Hidráulico da Ribeira de Oeiras – Almodôvar", *III Encontro de Arqueologia Sudoeste Peninsular de Aljustrel, Aljustrel, 26 a 28 de Outubro de 2006*.
- BARROS, P., MELRO, S. e ESTRELA, S. (n.p.): "As Estelas com escrita do Sudoeste do concelho de Loulé", *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé - Al-'ulyā*.
- BARROS, P., MELRO, S. e SANTOS, P. J. (2010): "Projecto Estela: uma revisão dos dados e primeiros resultados dos trabalhos nas serras de Mú e Caldeirão", *Xelb 10*, Silves, p. 115 - 128.
- BEIRÃO, C. de M. (1972): *Relatório das prospecções arqueológicas feitas nos concelhos de Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodovar, Mértola, Alcoutim, Loulé. [Projecto Prossecções Arqueológicas feitas nos concelhos de: Odemira, Ourique, Castro Verde, Almôdovar, Mértola, Alcoutim, Loulé. Investigação ad hoc, 1971/ 1972, [polícopiado]*.
- BEIRÃO, C. de M. (1979): As estelas epigrafadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *1ª Mesa Redonda sobre a Pré e a Proto-História do Sudoeste Peninsular*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- BEIRÃO, C. de M. (1986): *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1er. Age du Fer)*. Paris: Ed. de Boccard.
- BEIRÃO, C. de M. e GOMES, M. V. (1980): *A Idade do Ferro no Sul de Portugal: Epigrafia e Cultura*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, C. de M.; GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1979): As Estelas Epigrafadas da Idade do Ferro no Sul de Portugal (Catálogo de exposición), *1ª Mesa Redonda sobre a Pré e a Proto-História do Sudoeste Peninsular*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- BERROCAL RANGEL, L. (1992): *Los pueblos célticos del suroeste de la Península Ibérica. Complutum Extra*. 2, Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- CARDOSO, J. L. (2004): Uma tumulação do Final do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a tholos do Cerro do Malhanito (Alcoutim). In LOPES, C. e VILAÇA, R. (eds.), *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. P. 193-223.
- CORREIA, V. H. (1993): As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: Arquitectura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto: SPAE. Vol. XXXIII, Fasc. 3-4, p. 351-70. (, 2).
- CORREIA, V. H. (1996): *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Ed. Ethnos.
- CORTES, R. (1999): *Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar. Relatório de Estágio Profissional [Projecto Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar]*.
- DIAS, M. M. A. e COELHO, L. (1972): Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóboda - Almodôvar (Primeira notícia). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. III Série, nº 5, p. 181-190.
- ESTRELA, S. (2010) – *Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. [disponível no Repositório da Universidade de Lisboa, em <http://hdl.handle.net/10451/3009>].

**PROJECTO ESTELA: O TERRITÓRIO DA ESCRITA DO SUDOESTE
E A IDADE DO FERRO NA ACTUAL REGIÃO DE ALMODÓVAR**

- FERREIRA, M. M. e INÁCIO, I. (1995): *Carta Arqueológica de Almodôvar. Relatório da campanha de prospecção de Setembro de 1995*. Projecto Carta Arqueológica de Almodôvar., [policopiado].
- GOMES, M. V. (1992): Proto-História do Sul de Portugal. In SILVA, A. C. F. E GOMES, M. V. *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 99-202.
- GOMES, M. V. (2006): Estelas funerárias, da Idade do Bronze Médio, do sudoeste penínsular: a iconografia do poder. *Actas do VIII congresso internacional de estelas funerárias / [org.] Museu Nacional de Arqueologia. - Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia*, p. 47-62.
- GRILLO, C. (2001): *A2 – Auto-Estrada do Sul, Sublanço Almodôvar/ S.B. Messines Lote F. Relatório de Acompanhamento Arqueológico de Obra*. [policopiado].
- GUERRA, A. (2002): Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia 5 (2), p. 219-231. [<http://www.ipa.min-cultura.pt/publicacoes/revista/v5/v5n2/219.pdf>].
- GUERRA, A. (2009): Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do sudoeste hispânico. *Acta Palaeohispanica X. Palaeohispanica* 9, p. 323-338 [<http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/25guerra.pdf>].
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-2003): Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. Entorno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de Arqueología. Homenaje a la Dra. Dña Encarnación Ruano Ruiz*. Madrid: Asociación Española de Amigos de Arqueología. 42 p. 81-118.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2009): Arquitectura y modalidad: La construcción del poder en el mundo post-orientalizante. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: CSIC. 82, p. 69-95.
- MATALOTO, R. (2004): *Um “monte” da Idade do ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MATALOTO, R. (2007): Viver no campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro-alentejano em meados do I milénio a.C. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 10 (2), p. 135-160.
- MELRO, S. e BARROS, P. (2009): “Projecto ESTELA: um projecto científico de um museu para o território”, *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva p. 450-453.
- MELRO, S. e BARROS, P. e CORTES, R. (2011): “Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar: do museu para o território”, *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*, Lisboa, p. 603 – 609.
- MELRO, S; BARROS, P. e GUERRA, A. (2009): “Projecto ESTELA: do museu para o território”, *Al-madan on-line*, 16, p. 10-11. [<http://www.almadan.publ.pt/16ADENDA21NotArqueologico.pdf>].
- MELRO, S; BARROS, P.; GUERRA, A. e FABIÃO, C. (2009): O Projecto ESTELA: primeiros resultados e perspectivas., *Acta Palaeohispanica X. Palaeohispanica* 9, p. 353 - 359. [<http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/27melroetal.pdf>].
- PAÇO, A. do; NUNES RIBEIRO, F. e FRANCO, L. G. (1965): *Inscrição ibérica da Corte do Freixo (Almodôvar)*, *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 16, p. 99-106.
- PEREIRA, G. (2011): “Onde encaixa esta peça?”, *National Geographic Portuguesa*, 1-2011, Lisboa.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1998): *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce. Un viaje a las raíces de la Europa occidental*. Crítica/Arqueología, Barcelona.
- SANTOS, P. J., BARROS, P., MELRO, S. (n.p.): “ESTELA Project: Initial Assessment to the Landscape of the southwestern Script (Iron Age, South of Portugal)”, Workshop on Spatial Archeology - Spatial Analysis Applied to Archaeological Sites from Protohistory to the Roman Period, Ghent, 2 e 3 Dezembro de 2010;
- UNTERMANN, J. (1997): *Monumenta Linguarum Hispanicarum, Band IV. Die tartessianen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag.
- VALENTE, M. e MOURA, L. (2008): *Parque Eólico da Serra de Mú*. Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico de 30 de Outubro de 2007 e 15 de Maio de 2008 [Documento Policopiado].
- VASCONCELOS, J. L. de (1895): Cabrinhas ou bodes de bronze. *O Archeólogo Português*, Lisboa: Museu Ethnographico Português. Série. 1, vol. 1, n.º 11 (Nov. 1895), p. 296-301.
- VASCONCELOS, J. L. de (1933): Excursão pelo Baixo Alentejo. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Ethnographico Português. 29 (1939-1931), p. 230-246.
- VILHENA, J. (2006): *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C.* (Dissertação de Mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- VILHENA, J. (2008): As armas e os barões assinalados? Em torno das necrópoles monumentais do “Ferro de Ourique”. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en época post-orientalizante, Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), p. 373-398.